

O ASPECTO HABITUAL NO PORTUGUÊS: O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS?

HABITUAL ASPECT IN PORTUGUESE: WHAT IS SAID IN THE GRAMMARS?

Eccia Alécia Barreto*
Raquel Meister Ko. Freitag**

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo investigar o tratamento dado pelos compêndios gramaticais normativos e descritivos ao aspecto habitual. O aspecto habitual pressupõe uma iteração mais ou menos regular de uma situação, de tal modo que o hábito resultante é considerado como uma propriedade de caracterização de uma dada entidade. No português do Brasil, o aspecto habitual pode ser expresso pelas formas verbais de pretérito imperfeito (PI) e de pretérito perfeito (PP), no entanto, cada forma está associada a contextos de uso específicos (BARRETO; FREITAG, 2014). A análise proposta restringe-se ao estudo dos seguintes compêndios gramaticais: Said Ali (1971), Coutinho (1982), Mateus et al. (1983), Neves (2000), Terra e Nicola (2004), Bechara (2006; 2009), Cunha e Cintra (2008), Cereja e Magalhães (2008), Perini (2010), Castilho (2010). Os resultados evidenciam que, na maioria das gramáticas consultadas, os autores ainda não apresentam uma sistematização dos usos do aspecto habitual nem da categoria de aspecto, e, quando tratam, não aprofundam muito nas noções semântico-discursivas envolvidas na leitura do aspecto habitual.

Palavras-chave: *Categorias verbais; Aspecto habitual; Compêndios gramaticais.*

Abstract: In this study, we aim to investigate the treatment of habitual aspect in different types of grammars In Portuguese: standard grammars, descriptive grammars and textbooks. Habitual aspect refers to a more or less regular iteration of a situation such that the resulting is considered as a characterization of the property of a given entity. In Brazilian Portuguese, habitual aspect can be expressed by pretérito imperfeito (PI) and pretérito perfeito(PP) tenses, however, each form is associated with specific contexts of use (BARRETO; FREITAG, 2014). Analysis focuses to the following grammars: Said Ali (1971), Coutinho (1982), Mateus et al. (1983), Neves (2000), Terra and Nicola (2004), Bechara (2006; 2009), Cunha and Cintra (2008), Cereja and Magalhães(2008), Perini (2010) and Castilho (2010). The results show that in most of the surveyed grammars, the authors do not present a systematization of the habitual aspect of the uses or the aspect category, and when they deal, they do not detail the semantic- discursive notions involved in reading the habitual aspect.

Keywords: *Tense. Habitual aspect. Grammars.*

Introdução

O aspecto habitual pressupõe uma iteração mais ou menos regular de uma situação, de tal modo que o hábito resultante é considerado como uma propriedade de caracterização de uma dada

* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE. Bolsista CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: ecciaalecia@hotmail.com

** Professora do Departamento de Letras Vernáculas e dos Programas de Pós-Graduação em Letras e em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: rkofreitag@pq.cnpq.br

entidade. No português do Brasil, o aspecto habitual pode ser expresso pelas formas verbais de pretérito imperfeito e de pretérito perfeito; no entanto, cada forma está associada a contextos de uso específicos (BARRETO; FREITAG, 2014; FREITAG; ARAUJO; BARRETO, 2013)¹.

(1) minha mãe ficou mui- me apoiou bastante “não faça eu acho que você vai gostar” mas ela **sempre acreditava** que eu ia ser bióloga... não professora bióloga ela **sempre... acreditava** que eu ia... me dedicar... à área mais de pesquisa laboratório análises clínicas porque o biólogo também... pode exercer esse cargo (f 19)²

Em (1), temos valor habitual, uma vez que a situação *ela sempre acreditava* se repete várias vezes, em um intervalo de tempo indeterminado. A forma verbal *acreditava*, no pretérito imperfeito do indicativo, denota uma situação passada habitual; o marcador adverbial *sempre*, que sinaliza uma ação codificada em tempo presente, passado ou futuro, neste caso, apenas reforça a repetição da ação no tempo e, independentemente do que ocorra, o resultado poderá ser o mesmo.

(2) e... oitenta por cento do curso foi exatamente isso né? que **sempre preparou**... (hes) os alunos com cálculos... com memorização de fórmulas foi um curso muito voltado pra memorização... de fórmulas memo- (hes) <<aprendimento>> conceitos matemáticos... foi um curso pouco voltado né? realmente para... formação do professor... era mais era cálculo... e... matérias técnicas né? com que que a gente nunca iria usar em sala de aula (m 01)

Em (2), também há valor habitual em na situação *sempre preparou*. Neste caso, a habitualidade está expressa pela composição de um modificador aspectual, *sempre*, mais uma forma verbal no pretérito perfeito, *preparou*. Essa composição sinaliza que dado acontecimento tem lugar regularmente em uma linha de tempo, sem dizer respeito a nenhuma das realizações em particular.

Como podemos observar, o aspecto habitual comportamento variável; por não ser uma categoria gramaticalizada (no sentido de constituir categoria), é importante saber como os compêndios gramaticais lidam com o aspecto habitual. Entendemos por compêndios gramaticais “obras que reportam regras da língua portuguesa, tanto em uma perspectiva descritiva (como se usa), como em uma perspectiva prescritiva (como se deve usar)” (ARAUJO et al. 2010, p. 260). Nossa

¹ Este trabalho é um desdobramento ampliado e revisado de Barreto (2014), dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe vinculada ao projeto “Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: funções e formas concorrentes”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação Estadual de Apoio à Pesquisa e Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC).

² Os dados foram extraídos da amostra de Itabaiana do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013; FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012). A sigla ao final refere-se à identificação do informante.

investigação considerou as seguintes obras: Said Ali (1971), Coutinho (1982), Mateus et al. (1983), Neves (2000), Terra e Nicola (2004), Bechara (2006; 2009), Cunha e Cintra (2008), Cereja e Magalhães (2008), Perini (2010), Castilho (2010)³. Categorizamos os autores da seguinte maneira:

- i) Said Ali (1971) e Coutinho (1982) como representando gramáticas históricas;
- ii) Cunha e Cintra (2008), Bechara (2006; 2009) e Rocha Lima (2003) como representando gramáticas normativas;
- iii) Terra e Nicola (2004) e Cereja e Magalhães (2008) consideramos representantes de gramáticas pedagógicas, pois, além dos critérios utilizados nos outros tipos de gramáticas, eles trazem também propostas de exercícios;
- iv) Mateus et al. (1983), Neves (2000), Castilho (2010) e Perini (2010) como representantes de gramáticas descritivas.

Tem se acentuado a discussão em torno do ensino de Língua Portuguesa voltado para a reflexão e o uso, assim como apregoam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), porque é necessário promover a reflexão sobre as características semânticas e pragmáticas de cada palavra em situações concretas de uso. Estudos⁴ relacionados a categorias verbais, principalmente no que referir-se ao aspecto verbal, por exemplo, têm trazido subsídios para uma abordagem em sala de aula mais concreta, porém nem sempre os compêndios gramaticais trazem em seu bojo essa noção, deixando, assim, uma lacuna no ensino de Língua Portuguesa no que concerne às categorias verbais. Corôa (2005) considera “um acidente histórico o fato de aspecto não ser tão proeminente quanto o *tempus*⁵ na gramática tradicional, pois a marcação gramatical de aspecto é provavelmente muito mais difundida nas línguas humanas do que a marcação gramatical do tempo” (CORÔA, 2005, p. 62).

³ A escolha das gramáticas analisadas se deu a partir do acervo que temos, além do fato de serem gramáticas conhecidas nacionalmente.

⁴ Destacam-se, por exemplo, a obsolescência da forma de pretérito mais-que-perfeito simples e a baixa produtividade da forma de pretérito mais-que-perfeito composto para expressarem uma situação de passado anterior (com a forma de pretérito perfeito simples assumindo esta função) (COAN, 1997; 2003); a emergência e a regularização de uma forma para a expressão de passado imperfeito progressivo, constituída pelo auxiliar *estar* + *gerúndio* (pretérito imperfeito composto), com a especialização da forma de pretérito imperfeito simples na expressão do valor habitual passado (FREITAG, 2007; 2011); a alternância entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo (COSTA, 1997); a variação das formas de futuro verbal no português brasileiro (OLIVEIRA, 2006), dentre outros (cf. FREITAG, 2012).

⁵ A autora utiliza a nomenclatura *tempus* para referir-se ao tempo com característica dêitica.

Nas gramáticas de Língua Portuguesa, a habitualidade está inserida nos capítulos que tratam do estudo das flexões de tempo no modo indicativo, mesmo assim não apresentam referência explícita e, quando tratam disso, não aprofundam as noções que recobrem esse aspecto. Assim, o que há são as referências indiretas à categoria de aspecto. Nas seções a seguir, apresentamos o que os compêndios gramaticais analisados ilustram/prescrevem sobre o aspecto habitual. Destacamos que, nas gramáticas que classificamos como históricas, não encontramos nenhuma referência à expressão do aspecto habitual ou habitualidade.

1 Gramáticas normativas

Na gramática de Cunha e Cintra (2008), intitulada *Nova gramática do português contemporâneo*, no capítulo sobre Verbos, os autores definem a flexão verbal da seguinte forma: “o verbo apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 394). Observamos que os autores, diferentemente de alguns gramáticos, como, por exemplo, Rocha Lima (2003), consideram o aspecto dentro da classificação verbal, definindo-o assim:

diferentemente das categorias do tempo, do modo e da voz, o aspecto designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-lo como concluído, isto é, observado no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-lo como não concluído, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 396)

A partir da definição dada por Cunha e Cintra (2008), observamos um pequeno apontamento sobre o aspecto habitual, quando eles falam em “repetição”. Outra característica que os autores trazem e que dá pista de aspecto habitual é a noção de descontinuidade, quando dizem que está no âmbito do desenvolvimento da ação. Para tanto, apresentam o exemplo transcrito em (3).

(3) **Voltei a ler** Os lusíadas. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 396)

Os autores trazem outros apontamentos sobre o aspecto habitual, não visto como aspecto, mas sim como valor de ação verbal, quando falam sobre a sintaxe dos modos e dos tempos. Ao trabalhar o emprego dos tempos do indicativo, dentro do escopo do tempo presente, os autores dizem que um dos modos de se empregar o presente do indicativo é: “para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que

se fala (presente habitual ou frequentativo)” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 463). E apresentam o exemplo transcrito em (4).

(4) **Sou tímido:** quando me vejo diante de senhoras, **emburro, digo besteiras.** (G. Ramos, A, 31 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 463)

Ainda retratando o emprego dos tempos no modo indicativo, Cunha e Cintra (2008), agora no escopo do pretérito imperfeito, trazem mais alguns apontamentos sobre o aspecto habitual. Vejamos: “Empregamo-lo, assim: para denotar uma ação passada habitual ou repetida” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 465). Para melhor definir essa ação habitual, os autores apresentam o exemplo transcrito em (5).

(5) Se o cacique **marchava**, a tribo inteira o **acompanhava.** (J. Cortesão, IHB, II, 178 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 465)

No que se refere ao pretérito perfeito composto, os autores também evidenciam que é uma “expressão de um fato repetido ou contínuo” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 469). E acrescentam que, para que se tenha uma ação repetida, dentro do pretérito perfeito composto, se faz necessário o auxílio de advérbios ou locuções adverbiais, como *sempre, frequentemente, várias vezes* etc. para que ação seja vista como habitual ou contínua. É interessante destacar que os referidos autores trazem de certa forma a noção de aspecto composicional, ao acrescentarem a informação da necessidade de outros elementos para que se tenha uma leitura habitual. Observemos os exemplos apresentados pelos autores, transcritos em (6) e (7).

(6) Os homens do mar **tiveram sempre** uma grande ternura pelas aves. (R. Brandão, p. 164) (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 469)

(7) Ai, **quantas noites**
No fundo da casa

Lavei essa mão,

Poli-a, escovei-a. (C. Drummond de Andrade, R. 71) (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 469)

Na explicação dos exemplos transcritos acima, os autores enfatizam a ideia de que o que dá a ideia de repetição (valor habitual) ou continuidade (valor contínuo) não é o verbo, mas a utilização do advérbio, que no caso modificou a ação verbal. Mesmo tendo classificado a gramática dos autores Cunha e Cintra (2008) como normativa, é de se acentuar que tais autores trazem boas evidências sobre o uso do aspecto habitual, mesmo que não trabalhem essa noção dentro do escopo do aspecto.

Bechara, em suas duas gramáticas, a saber, *Gramática escolar da língua portuguesa* (2006) e *Moderna gramática do português* (2009), também traz algumas considerações sobre a categoria de aspecto, baseando-se nas ideias de Jakobson e Coseriu. Para o autor, o aspecto “assinala a ação até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como durativa, incoativa, terminativa, iterativa etc., são apenas subdivisões desta categoria” (BECHARA, 2009, p. 212). Partindo da proposta de Coseriu ao tratar a categoria de aspecto, Bechara (2009) traz indícios sobre o aspecto habitual quando trabalha a noção de repetição. Para o autor, uma das características da repetição é poder ser indeterminada, o que evidencia umas das características do aspecto habitual, assim como propõe Comrie (1976). Bechara (2009, p. 215) ainda acrescenta que a repetição “é em português uma categoria sem forma de expressão própria”, isso no que concerne ao tipo de repetição indeterminada. Essa visão nos dá indícios de que somente a repetição indeterminada não marca o aspecto habitual, assim como assinalamos em nossa pesquisa.

Ao trabalhar o emprego dos tempos do modo indicativo, dentro do escopo do tempo presente, Bechara (2009) diz que um dos modos de se empregar o presente do indicativo é: “que acontece habitualmente” (BECHARA, 2009, p. 276). Para explicitar essa noção, apresenta o exemplo transcrito em (8).

(8) A Terra gira em torno do Sol. (BECHARA, 2009, p. 276)

No que se refere ao pretérito composto, Bechara (2009), assim como Cunha e Cintra (2008), enfatiza que uma das características desse tempo composto, dentro do modo indicativo, é exprimir “repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual” (BECHARA, 2009, p. 278). As definições apresentadas por Bechara (2009) já compõem a *Gramática escolar da língua portuguesa* (BECHARA, 2006), no entanto, é interessante notar que essa gramática, pelo título, denota uma noção de gramática pedagógica, além do que o autor traz exercícios para resolução, o que é próprio das gramáticas pedagógicas; mesmo assim, consideramos uma gramática normativa, já que segue as mesmas contribuições da *Moderna gramática portuguesa* (BECHARA, 2009). A seguir apresentamos a análise das gramáticas caracterizadas nesta pesquisa como pedagógicas, uma vez que além dos critérios utilizados nos outros tipos de gramáticas, elas trazem também propostas de exercícios e são gramáticas utilizadas nas redes particulares e públicas do estado de Sergipe.

2 Gramáticas pedagógicas

Na gramática pedagógica *Gramática: texto, reflexão e uso* (CEREJA; MAGALHÃES, 2008), observamos algumas pistas sobre o aspecto habitual. Vejamos: “Pretérito imperfeito: transmite a ideia de uma ação habitual ou contínua” (CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p. 190, grifos nossos), como em (9):

(9) Por muito tempo os homens **usavam** a mesma faca para comer e brigar e cada um **levava** a sua quando **havia** algum jantar. (CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p. 190)

Cereja e Magalhães (2008) fazem menção ao aspecto habitual quando dizem que o pretérito imperfeito transmite a ideia de ação habitual. No entanto, quando apresentam o exemplo (9), não explicam o porquê de tal excerto gerar uma ação habitual. Analisando o exemplo apresentado pelos autores, podemos ver que o acontecimento é construído a partir do localizador temporal, o momento de referência, ‘quando **havia** algum jantar’, que coincide com todos os pontos do momento do evento, ‘**usavam** a mesma faca para comer e brigar e cada um **levava** a sua’. O uso do pretérito imperfeito - *usavam e levava* - expressa que o acontecimento descrito tem limites abertos, podendo prolongar-se por um tempo indeterminado. O desenvolvimento da situação não se encaminha para um ponto terminal, porque anteriormente há a referência ‘quando **havia** algum jantar’, que indica uma ação habitual de utilizar a mesma faca para comer e brigar. Assim, podemos dizer que temos a atualização do aspecto habitual.

Assim como Cereja e Magalhães (2008), Terra e Nicola (2004), ao abordarem os modos verbais, mais precisamente o modo indicativo, fazem menção ao aspecto habitual, mas, da mesma forma que Cereja e Magalhães (2008), restringem-se apenas a apresentar seus conceitos e exemplos, não aprofundando análises e traços que indiquem o aspecto habitual ou mesmo a categoria de aspecto. Vejamos: “O modo indicativo também é usado para: Expressar ação habitual” (TERRA; NICOLA, 2004, p. 249, grifo nosso), como em (10):

(10) Aos domingos não saio de casa. (TERRA; NICOLA, 2004, p. 249)

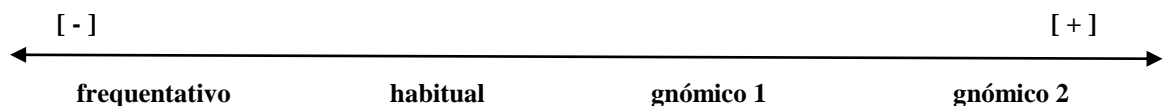
Como podemos perceber, as gramáticas de cunho pedagógico apresentam descrições semântico-discursivas pouco aprofundadas para explorar o domínio do aspecto habitual, sinalizando a necessidade de recorrer a abordagens descritivas da língua para ampliar o tratamento da categoria. Na próxima seção apresentamos a análise das gramáticas caracterizadas nesta pesquisa como descritivas. Consideramo-las descritivas porque trazem uma noção de uso linguístico, ou

seja, a análise apresentada por essas gramáticas é independente do que é considerado certo ou errado pelas gramáticas normativas, considerando prioritariamente o uso da língua para descrever suas regras.

3 Gramáticas descritivas

Mateus et al. (1983) apresentam uma seção destinada à categoria linguística de aspecto, caracterizando-o como a “categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural” (MATEUS et al., 1983, p. 125). As autoras apontam que a categoria de aspecto vai ter algumas especificações que colaboram para diferentes leituras aspectuais, como, por exemplo, *quantificação do intervalo de tempo*. Dentro desse item, as autoras apresentam o aspecto habitual, que, para elas, é um dos aspectos resultantes de operações de quantificação sobre intervalos de tempo, de forma escalar. Para melhor explicar essa noção, reproduzimos a escala proposta por Mateus et al. (1983, p. 130), na figura 1:

Figura 1: Escala aspectual (MATEUS et al. 1983, p. 130)



Para as autoras, os aspectos frequentativo e habitual envolvem propriedades de manifestações temporalmente limitadas de determinado indivíduo, enquanto que os aspectos gnômico 1 e gnômico 2 expressam propriedades de determinado indivíduo. As principais características apresentadas pelas autoras sobre o aspecto habitual é o traço durativo, além de categorizá-lo por apresentar características habituais de determinado participante em um intervalo de tempo. Para melhor entender, vejamos um dos exemplos apresentados pelas autoras, transcrito em (11).

(11) O Pedro lava o carro aos domingos. (MATEUS et al., 1983, p. 130)

Além dessas características, Mateus et al. (1983) apresentam, mesmo que implicitamente, a noção de composicionalidade do aspecto, pois, ainda quando discutem a noção de aspecto habitual, as autoras ilustram o papel dos advérbios temporais frequentativos na expressão do aspecto, afirmando que tais advérbios exprimem diversos tipos de quantificação, podendo modificar uma leitura aspectual.

Perini (2010), ao descrever as variedades de expressão do presente e ao distinguir o pretérito perfeito do pretérito imperfeito, apresenta indícios sobre o aspecto habitual. Vejamos a definição e um dos exemplos utilizados pelo autor, transcrito em (12).

(i) Variedades de expressão do presente: o presente simples é usado para exprimir um evento habitual, uma propriedade permanente ou um estado permanente.

(12) Esse vizinho **sempre faz** barulho de noite [evento habitual]. (PERINI, 2010, p. 221)

Perini (2010) considera que o presente simples transmite uma ideia de evento habitual. Para tanto, apresenta-nos o exemplo (12). Segundo o autor, “o evento descrito vale para o momento presente, mas também para uma certa extensão no passado e no futuro” (PERINI, 2010, p. 221). Sabemos que há o aspecto habitual em *sempre faz*, mas, neste caso, a habitualidade está expressa pelo advérbio *sempre*, que indica que dado acontecimento tem lugar regularmente em uma linha de tempo, sem dizer respeito a nenhuma das realizações em particular, assim como Cunha e Cintra (2008) apontam em sua gramática, como vimos na seção 1. No entanto o autor não faz menção à utilização do advérbio como auxílio para a expressão da habitualidade no exemplo analisado.

No capítulo que trata do tempo verbal passado, Perini (2010), mais uma vez, faz menção ao aspecto habitual. Segundo o autor, o pretérito imperfeito, por ter os limites temporais em aberto, indica evento habitual, em determinados contextos. Vejamos:

(ii) **Perfeito e imperfeito** - Delimitação temporal: o perfeito focaliza os limites temporais da situação descrita; com o imperfeito o verbo indica um evento ou estado habitual [...]. O imperfeito denota um evento habitual (ou seja, não delimitado temporalmente) (PERINI, 2010, p. 228, grifos nossos).

(13) Ele **viajava** para os Estados Unidos. (PERINI, 2010, p. 228)

Vale destacar que Perini (2010) trata as categorias de *tempo* e *aspecto* juntas, pois para ele “o aspecto e o tempo não têm representação formal distinta em português. Além disso, costumam invadir um o território do outro, o que ajuda a complicar o quadro geral” (PERINI, 2010, p. 220).

Na *Gramática de usos do português*, Neves (2000) considera o aspecto como categoria verbal e traz na parte I de sua gramática, dentro do capítulo sobre verbos, a noção de verbos aspectuais, considerados como sendo operadores gramaticais. Para a autora, esses verbos se formam a partir de perífrases verbais, que indicam alguns aspectos, dentre os quais a autora pontua o aspecto habitual, no entanto não traz nenhuma definição, só apresenta alguns exemplos e diz que trazem a noção de hábito. Vejamos:

- (14) E ele **vive a leseirar** por aí. (CA) (NEVES, 2000, p. 63)
- (15) E ele **vive fazendo** perguntas sobre a saúde do garoto. (VEJ) (NEVES, 2000, p. 63)
- (16) Você precisa estudar mais. **Anda lendo** pouco. (ACM) (NEVES, 2000, p. 63)

Castilho (2010), em sua *Gramática do português brasileiro*, traz a noção de aspecto verbal, definindo-o como “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender” (CASTILHO, 2010, p. 417). O autor ainda acrescenta que o aspecto pode delinear: (i) o que dura; (ii) o que começa e acaba; e (iii) o que se repete (CASTILHO, 2010). Dentre as delimitações do aspecto apresentadas por Castilho (2010), há a presença do traço de repetição, o que nos remete ao aspecto habitual. No entanto, ao longo do tópico sobre aspecto verbal, o autor não traz nenhuma menção ao aspecto habitual, pois, para ele, o aspecto que está correlacionado à repetição é o iterativo, como podemos observar no quadro 1.

Quadro 1: Tipologia do aspecto (CASTILHO, 2010, p. 420)

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

Uma contribuição interessante para o estudo do aspecto verbal apresentada por Castilho (2010) é a natureza composicional aspectual. Para o autor, aspectos como, por exemplo, o iterativo,

dependem de outros fatores, além do lexical, tais como: *flexão modo-temporal, argumentos verbais e advérbios quantificadores*.

4 Considerações finais

Nosso foco, neste trabalho, foi observar o tratamento dado pelos compêndios gramaticais normativos e descritivos ao aspecto habitual. Verificamos que as abordagens dos compêndios gramaticais analisados ainda não apresentam uma sistematização dos usos do aspecto habitual nem da categoria de aspecto. Com nossa investigação, evidenciamos que o tratamento dado ao aspecto nas gramáticas varia de acordo com o tipo e com o autor: nas gramáticas descritivas, o detalhamento é mais explícito; já nas normativas e pedagógicas, com ressalva da gramática normativa de Cunha e Cintra (2008), o detalhamento é mais específico e limitado. Os gramáticos, Cunha e Cintra (2008) e Castilho (2010) são os que apresentam uma linguagem mais simples e detalhada ao tratar do aspecto e deixam claro que existem noções de composição em uma leitura aspectual, o que corrobora com a pesquisa de Barreto e Freitag (2014).

Vale destacar que entendemos que a finalidade de tais gramáticas não é sistematizar os traços que compõem a categoria aspecto, mas todas as evidências que trazem embutidas na explicação da categoria verbo são importantes, pois sinalizam a necessidade de estudos descritivos, a fim de contribuir para o ensino de língua portuguesa.

Referências

ARAUJO, Andréia Silva, et al. A expressão do tempo verbal passado no português: a descrição dos compêndios gramaticais. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, v. 12, 2010, p. 257-269.

BARRETO, Eccia Alécia. *A expressão do aspecto habitual: um estudo na fala e na escrita de Itabaiana/SE*. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

BARRETO, Eccia Alécia; FREITAG, Raquel Meister Ko. A expressão do aspecto habitual. *Diacrítica*, v. 28, n.1, p. 253-282, 2014.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática – texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 2008.

COAN, Márluce. *Anterioridade a um ponto de referência passado: Pretérito (mais que) perfeito*. 1997. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

_____. *As categorias de tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003. Dissertação (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CORÔA, Maria Luzia. *O tempo dos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COSTA, Ana Lúcia. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1982.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança*. 2007. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREITAG. Raquel Meister Ko. Aspecto inerente e passado imperfeito no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. *Alfa*, São Paulo, 55 (2): 477-500, 2011.

_____. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 2, p. 156-164.

_____. Past tense in Brazilian Portuguese: set of tense-aspect-modality features. In: *Proceedings of the VIIth GSCP International Conference Speech and Linguistic Analysis*. Firenze: Firenze University Press, 2012, p. 388-392.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; ARAUJO, Andréia Silva; BARRETO, Eccia Alécia. Emergência e regularização de usos em categorias verbais do português: gradações de modalidade nos valores condicional, iminencial e habitual no domínio do passado imperfeito. *Revista do Gelne*, v. 14, 2013, p. 99 – 122.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria DUARTE, Inês Silva; FARIA, Isabel hub. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

NEVES, Maria H. Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Português: de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2004.